

CLASSIFICAÇÃO DOS FENÔMENOS MEDIÚNICOS SEGUNDO SEUS EFEITOS

INTRODUÇÃO

Segundo os efeitos que produzem, podemos classificar os fenômenos mediúnicos em:

1. Fenômenos de efeitos materiais, físicos ou objetivos: são os que sensibilizam os nossos sentidos físicos, podendo se apresentarem de variada forma.
2. Fenômenos de efeitos inteligentes ou subjetivos: são os que ocorrem na esfera subjetiva, não ferindo os cinco sentidos, senão a racionalidade e o intelecto.

FENÔMENOS OBJETIVOS

a) **Materialização**: fenômeno em que ocorre a materialização ou formação de objetos e de Espíritos, utilizando-se uma energia esbranquiçada que o médium emite através dos orifícios de seu corpo, chamada **ectoplasma**. Esta denominação foi dada por Charles Richet, quando estudava este fenômeno.

Como exemplo mais eloqüente podemos citar as experiências de William Crookes com a médium Florence Cook possibilitando a materialização do Espírito Katie King de 1870 a 1874;

b) **Transfiguração**: modificação dos traços fisionômicos do médium. O Espírito utiliza fluidos do mundo espiritual e os expelidos pelo próprio médium e os manipula envolvendo o rosto do médium com uma capa fluídica sobre a qual modela sua fisionomia;

c) **Levitação**: erguimento de objetos e pessoas contrariando a lei da gravidade. Crawford, que estudou estes fenômenos, classificou-os como resultantes de a sustentação sobre colunas de fluidos condensados erguidas para suportar o peso dos objetos e erguê-los. São conhecidos por "colunas de Crawford";

d) **Transporte**: entrada e saída de objetos de recintos hermeticamente fechados;

e) **Bicorporeidade**: aparecimento do Espírito do médium em outro local de forma materializada;

f) **Voz Direta**: vozes de Espíritos que soam no ambiente, independentemente do médium, através de uma garganta ectoplásmica.

- g) **Escrita Direta**: palavras ou frases escritas diretamente pelos Espíritos;
- h) **Tiptologia**: sinais ou pancadas formando palavras e frases inteligentes;
- i) **Sematologia**: movimento de objetos sem contato físico, traduzindo um desejo, um sentimento.

FENÔMENOS SUBJETIVOS

a) **Intuição**: é o mecanismo mediúnico mais evoluído da espécie humana. O médium consegue captar conteúdos mentais da dimensão espiritual e de lá retirar imagens, idéias ou grupos de pensamentos;

b) **Vidência**: é a percepção visual dos fatos que se passam na dimensão espiritual;

c) **Audiência**: pode-se ouvir através dos órgãos auditivos do corpo físico vozes, mensagens bem caracterizadas ou dentro do cérebro onde as vibrações atingem os centros nervosos ou, ainda, em alguma zona espiritual;

d) **Desdobramento**: o Espírito do médium desloca-se em desdobramento perispiritual às regiões espirituais ou aqui mesmo na Terra, mas sem se materializar;

e) **Psicometria**: é a faculdade mediúnica onde o indivíduo torna-se capaz de registrar e identificar os fluidos de objetos e locais;

f) **Psicografia**: manifestação mediúnica através da escrita. Pode ser observada em graus e aspectos diversos:

g) **Psicofonia**: é a manifestação mediúnica através da fala.

TEORIA DAS MANIFESTAÇÕES FÍSICAS

Se temos um efeito - o fenômeno físico - ele deve ter uma causa.

Vamos analisar os fenômenos mediúnicos produzidos pelos Espíritos desencarnados buscando saber como se opera esta ação, qual o seu mecanismo.

Notemos que estas teorias não nasceram de cérebros humanos, mas foram eles próprios, os Espíritos desencarnados, que as deram. Fizeram-nos conhecer primeiro a sua existência, sua sobrevivência, independentemente do corpo físico ou carnal. Em segundo lugar, a existência de um invólucro semi-material que lhes

serve de corpo no mundo espiritual e que tem possibilidades de ação sobre a matéria física. É o perispírito, termo criado por Allan Kardec para designar o corpo perispiritual - a condensação do fluido (que tem origem no Fluido Cósmico Universal - FCU) em torno de um foco de inteligência que é o Espírito. O perispírito é um subproduto do FCU e é variável em sua maior ou menor condensação. O que lhe dá propriedades especiais para agir sobre a matéria.

O perispírito é o intermediário entre o Espírito e corpo físico, formando assim o complexo humano:

1 - Espírito

2 - perispírito

3 - corpo físico

O fenômeno mediúnico de efeito físico, isto é, aquele que sensibiliza nossos sentidos físicos, tem sua explicação na ação do perispírito. Para atuar sobre um objeto inanimado, o Espírito desencarnado combina o seu fluido perispiritual com o fluido que escapa do médium, satura os espaços interatômicos e intermoleculares da matéria e, com a força do pensamento, agindo como deseja. Temos como exemplo a movimentação de objetos e a comunicação por pancadas.

Manifestação Física Espontâneas

Em alguns lugares, tal como aconteceu com as irmãs Fox, em Hydesville, em 1848, observam-se fenômenos mediúnicos ostensivos, como batidas ou levantamento de objetos, sem que nenhuma pessoa tivesse intenção de consegui-lo. Ocorrem espontaneamente, e muitas vezes ao dar origem aquilo que se costuma denominar de "casa mal assombrada".

Devemos analisar, primeiramente, se fenômenos como esses não são:

- frutos da imaginação ou alucinações;
- de causa física conhecida;
- mistificações, fraudes de pessoas inescrupulosas.

Excluídas as causas acima, iremos analisar o motivo pelo qual os fenômenos ocorrem ou são provocados:

1. Perseguição de Espíritos;

2. Desejo de comunicar-se com a finalidade de expor alguma preocupação ou intenção;
3. Brincadeiras para assustar;
4. Intenção de provar sua sobrevivência e que o Espírito é uma realidade.

Como agir?

1. Não dar atenção quando o fenômeno for produzido por Espíritos brincalhões;
2. Orientar, quando produzidos por Espíritos perturbadores e vingativos;
3. Atender às solicitações, quando justas, daqueles Espíritos dentro de nossas possibilidades;
4. Orar. A prece sincera e partida do íntimo da alma tocar-lhes-ão o coração e os ajudarão naturalmente.

Bibliografia

- 1) Livro dos Médiuns - Allan Kardec
- 2) No Invisível - Léon Denis
- 3) O Fenômeno Espírita - Gabriel Dellane
- 4) A História do Espiritismo - Arthur Conan Doyle
- 5) Nos Alicerces do Inconsciente - Jorge Andréa

Transcomunicação: Verdade ou obra de Espíritos enganadores?

Autor: Rubens Policastro Meira

Aceitar e ter convicção, certeza (fé) da existência dos Espíritos é óbvio. Sem esta convicção o espírita não poderia ser espírita.

Assim, Allan Kardec, no vocabulário espírita, (L.M. - Cap. XXXII) define os Espíritos como “os seres inteligentes da criação que povoam o universo além do mundo material e constituem o mundo invisível. Não são os seres de uma criação especial, mas as próprias almas dos que viveram na Terra ou em outras esferas, tendo deixado seu envoltório corporal”.

Kardec, em O Livro dos Espíritos - Introd. item VI, informa-nos:

No mundo dos Espíritos, o corpo semimaterial (Perispírito) lhe constitui a forma de manifestação, de identificação, o qual é invisível para nós no estado normal, podendo tornar-se visível e mesmo tangível, sob certas condições, como no caso das aparições.

Os Espíritos pertencem a diferentes classes e não são iguais, seja em poder, em inteligência, em sabedoria, em moralidade.

Os Espíritos (desencarnados) não ocupam uma região determinada e circunscrita; estão por toda parte no espaço e ao nosso lado, vendo-nos e acotovelando-nos continuamente.

Exercem incessante ação sobre o mundo moral e mesmo sobre o mundo físico. Atuam sobre a matéria e sobre o pensamento e constituem uma das potências da Natureza, causa eficiente de uma série de fenômenos, que encontram explicação racional na Doutrina dos Espíritos.

São constantes as relações dos Espíritos com os homens, e dessa forma os bons nos impelem para o bem e os maus para a maldade, torpezas etc. A presença dos bons Espíritos afasta os inferiores, que encontram livre acesso e obram com grande liberdade entre pessoas frívolas ou impelidas pela curiosidade, e, onde quer que existam maus instintos. Assim, longe de se obterem conselhos ou informações úteis, somente são obtidas futilidades, mentiras, gracejos, mistificações, com o fim de melhor induzirem ao erro. Sua linguagem, geralmente, é incoerente, inconseqüente, trivial e até grosseira. Muitas das vezes dizem falsidades e absurdos. Zombam da credulidade dos homens, lisonjeiam-lhes a vaidade, alimentando-lhes os desejos com falazes esperanças.

Assim, as comunicações sérias somente são dadas nos centros sérios “.

Na Terra, os Espíritos bons e maus se manifestam, comunicam-se, desde o advento do Homem e são importantes às advertências para esses fatos.

A 1ª Epístola de João, Capítulo 4, versículo 1, já nos informava: “Não creias em qualquer Espírito; experimentai se os Espíritos são de Deus, porquanto muitos falsos profetas se têm levantado no mundo”. E isto já naquela época. Hoje, muito mais.

Allan Kardec, em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, nos demonstra, discute, ensina e adverte, no cap. XXI - Haverá falsos Cristos e falsos profetas -, sobre o assunto. No item 7 nos diz: “O Espiritismo revela outra categoria bem mais perigosa de falsos Cristos e de falsos profetas, que se encontram, não entre os homens, mas entre os desencarnados: A dos Espíritos enganadores, hipócritas, orgulhosos e pseudo-sábios...”

Estes Espíritos com linguagem melíflua, empolada, tergiversastes, facilitam a aceitação das mais mirabolantes e absurdas idéias.

Nas diversas épocas da Humanidade, mas principalmente nos dias de hoje, é considerável o número dos Espíritos desse jaez, a darem comunicações, criando sistemas novos, métodos, e qualquer outra coisa, no intuito de confundir, discordar, mistificar, levando-nos à cizânia, à obsessão etc. Cabe a nós, a todos nós, desconfiar dos atuais escribas e fariseus, vestidos de longas túnicas. Desconfiar dos que pretendem, com argumentos inconsistentes, ter o monopólio da verdade, mesmo que esses argumentos estejam eivados de cientificismo duvidoso, de difícil

ou impossível comprovação, partam de onde partirem, de encarnados ou desencarnados, de nomes respeitáveis ou desconhecidos. Não. O Cristo e Kardec não estão entre eles, pois que suas mensagens, manifestações, comunicações não trazem o cunho da sabedoria que regenera, mas sim da vaidade, do orgulho, da discórdia, da mentira, que apenas podem encantar o espírito de alguns, mas não dizem nada que possa contribuir, realmente, para a evolução.

A recomendação de desconfiar é útil em todos os tempos e principalmente nos momentos atuais que vivemos, de transição, onde se elabora uma transformação da Humanidade, criando as condições para que uma multidão de ambiciosos, intrigantes, mistificadores, pseudo-sábios se arvorem em messias, em missionários, em regeneradores etc.

E como conhecê-los? Erasto, em mensagem de 1862, no cap. XXI, item 9 de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, nos dá a chave: “Os verdadeiros profetas se revelam por seus atos, são adivinhados, ao passo que os falsos profetas se dão, eles próprios, como enviados de Deus. O primeiro é humilde e modesto; o segundo, orgulhoso e cheio de si, fala com altivez e, como todos os mendazes, parece temeroso de que não lhe dêem crédito”.

Por falsos profetas, entenda o leitor, encarnados ou desencarnados. Mendazes quer dizer: mentirosos, hipócritas, falsos traiçoeiros, desleais, perversos.

Para conhecer o teor de suas idéias, Erasto também recomenda: “Passai-lhes os sistemas (idéias) pelo crivo da razão e do bom senso e vede o que restará”. Continuando, Erasto diz: “... todas as vezes que um espírito indica,... coisas utópicas e impraticáveis, medidas pueris e ridículas; quando formula um sistema que as mais rudimentares noções da ciência contradizem, NÃO pode ser senão um Espírito ignorante e mentiroso”. Continuando “São quase sempre Espíritos vaidosos e medíocres, que procuram impor-se a homens fracos e crédulos, prodigalizando-lhe exagerados louvores, a fim de os fascinar e de tê-los dominados”.

Definições - É de suma importância, principalmente no estudo da Doutrina dos Espíritos, a definição exata dos termos, das palavras, com o fim de não se dar dupla interpretação. Kardec foi de uma rigidez sem par nesse aspecto, dando às palavras o seu sentido exato. Como tratamos de Doutrina Espírita, as palavras terão esta conotação.

Comunicação dos Espíritos - São as manifestações ocultas ou ostensivas. As ocultas se verificam pela influência boa ou má que exercem sobre nós. As ostensivas se dão por meio da escrita, da palavra ou de outras manifestações materiais. (O Livro dos Espíritos, Introd. item VI).

Manifestação dos Espíritos - Trata-se de uma nova ordem de coisas, que novas leis vêm explicar (O Livro dos Médiuns, Cap. I item 58). Recorrendo ao Novo Dicionário Aurélio, temos:

Comunicação: “Ato ou efeito de emitir, transmitir e receber mensagens por meio de métodos e/ou processos convencionais, quer através da linguagem falada ou escrita, quer de outros sinais, signos ou símbolos, quer de aparelhamento técnico especializado, sonoro e/ou visual”.

Em Engenharia eletrônica, comunicação é a “transmissão de informação de um ponto a outro por meio de sinais em fios, ou de ondas eletromagnéticas”.

Manifestação - “Ato ou efeito de manifestar-se; expressão; revelação; esclarecimento, demonstração”.

Transcomunicação - Trans: Prefixo = movimento para além de através de posição para além de intensidade. Assim, podemos definir o termo "transcomunicação" como uma comunicação com intensidade, com maior transcendentalidade, ou seja, que ultrapassa os limites da experiência (Kantismo), que é superior, sublime, excelsa, pois é transcendente, pois que supõe a intervenção de um poder que lhe é superior. E em sendo transcendente, ultrapassa a nossa capacidade de conhecer, uma vez que é de natureza diversa de uma dada classe de fenômenos.

As manifestações e Comunicações Espíritas - É imprescindível para o estudo e análise dos fenômenos espíritas, que o estudante, o pesquisador, obedeça a uma metodologia, e em nosso caso, científica, para uma conclusão racional. Fazer como Kardec. Observar, analisar, formular as várias hipóteses e comprovar. O método racional seria:

- 1 - Localizar e descobrir o fenômeno.
- 2 - Observar, analisar e conhecer o fenômeno na sua manifestação.
- 3 - Provar e comprovar, tantas vezes quanto seja possível, que o fenômeno existe.
- 4 - Estudar, conhecer e formular as causas e o mecanismo desses fenômenos.
- 5 - Na manifestação, analisar o teor da comunicação, à luz do Espiritismo.

Depois de cumpridas essas exigências, estará o pesquisador, o estudante, apto a divulgar com acerto e seriedade seu estudo. Mais importante se torna, se contar com a universalidade das manifestações, ou seja, vários outros centros e pesquisadores chegarem às mesmas conclusões. Não é necessário que as conclusões sejam idênticas na forma, mas que as sejam no fundo.

Kardec nos deixou uma enciclopédia sobre este assunto, exarado em O Livro dos Médiuns, pouco lido e muito menos estudado no seio do movimento espírita.

No que tange aos fenômenos, que alguns estudantes e pesquisadores nomearam de TCM, TCI, (Transcomunicação mediúnica, instrumental) EVP, (gravação de vozes) nada têm de exuberantes, sublimes, transcendentais, como se viessem salvar (ou tentar reformar) o Espiritismo e a humanidade.

Os modismos e os novidadeiros sempre existiram e continuarão existindo, seja por vaidade, orgulho, ou para atender aos apelos de espíritos ainda inferiores.

Se pesquisarmos o Livro dos Médiuns, Capítulo II - 2ª parte, iremos verificar que é perfeitamente normal obter-se gravação de vozes, imagens na televisão etc. Tais manifestações enquadram-se nas manifestações físicas. Nada de novidades, portanto.

As manifestações físicas podem ser provocadas ou espontâneas. Em qualquer tipo de manifestação espírita a figura do médium é imprescindível. Não há manifestação espírita sem médium, que pode estar presente ou não, para a doação dos fluidos necessários ao fenômeno. Esta, a novidade que pretendem impingir. Manifestação sem o concurso do médium.

Vejamos o mecanismo, o modus-operandi, em teoria, das manifestações físicas provocadas, à luz da Doutrina dos Espíritos.

Para tal, é importante a leitura do “O Livro dos Médiuns”, cap. IV 2ª parte.

A chave de todos os fenômenos espíritas é o perispírito.

O perispírito é formado do Fluido Cósmico Universal, que também é o elemento que anima a matéria. Assim, no caso das chamadas mesas girantes, ou outro objeto sólido qualquer, o Espírito o move, combinando uma porção do Fluido Universal, com o fluido que se desprende do médium. Dessa forma, no caso, o médium exerce um papel importante, uma vez que o fenômeno pode extinguir-se, parar abruptamente, quando a quantidade de fluido não for mais suficiente.

Depreende-se que existe a necessidade do concurso do médium, mas não da sua presença. Pois o Espírito pode agir à revelia do médium. Para tal, o Espírito retira de outras pessoas o fluido animal que necessita. É assim que acontece nos fenômenos espontâneo, ou seja, sem a presença do médium, no sentido exato do termo.

Nas manifestações físicas espontâneas, é importante, também, consultar “O Livro dos Médiuns” - Cap. V - 2ª parte.

Neste tipo de fenômenos não intervém a vontade dos participantes, e quase sempre os participantes são importunos. Os mais simples são os ruídos e pancadas. Muitas vezes o fato é real, mas algumas vezes é aparente. Ouvem-se gritos, quedas de objetos, e ao verificar-se se encontra tudo tranqüilo; sai-se, e o tumulto recomeça.

Kardec, no item 92 - cap. V - 2ª parte, Livro dos Médiuns, aventa a hipótese de perguntar, onde se encontrava o médium, nesses casos. Os Espíritos responderam e

explicaram que há sempre alguém cujas forças são usadas à sua revelia. Continuando, Kardec no item 93 situa a necessidade da intervenção de pessoas dotadas de aptidão especial (mediunidade de efeitos físicos), na maioria dos casos, para a produção desses fenômenos, embora haja aqueles em que o Espírito parece agir sozinho. E no item 98, do mesmo capítulo, Erasto expõe que: “É necessário dispor de médiuns, (Erasto chamou sensitivos) dotados do mais alto grau de faculdade mediúnica”. Deveras importante é o estudo e análise do cap. VIII - 2ª parte de “O Livro dos Médiuns”.

Um dos fenômenos mais extraordinários é o da escrita direta, o qual é produzido, sem intermediário algum. Obtém-se esse fenômeno, como em geral, por meio da concentração da prece e da evocação. É evidente que o local nenhuma influência exerce, além de facultar maior recolhimento espiritual e maior concentração dos pensamentos; pode ser obtido, igualmente, sem esses acessórios e nos lugares mais comuns, desde que se esteja nas condições morais exigidas e se disponha da necessária faculdade mediúnica, (ver item 148 - cap. XII - 2ª parte de O Livro dos Médiuns).

As aparições tangíveis são as que o Espírito se reveste de uma forma com todas as aparências de um corpo sólido, dando a impressão, a ilusão, ao observador que tem diante de si um ser corpóreo.

Sob certas circunstâncias a tangibilidade se pode tornar real, podendo o observador tocar, palpar, sentir, na aparição, a mesma resistência de um corpo vivo, o que não impede que a tangibilidade se desvaneça, se desfaça rapidamente. Mas para tal fato, não basta à vontade do Espírito, porquanto a modificação do perispírito, que possibilitou o fenômeno, opera-se mediante sua combinação com o fluido peculiar do médium. O fenômeno não é comum porque nem sempre essa combinação de fluidos é possível. (itens 104/105 - Cap. VI - 2ª parte - O Livro dos Médiuns).

Transcomunicação - As gravações de vozes, imagens etc., provocaram e têm provocado uma grande euforia no seio do movimento espírita. Não há critério científico nas análises da maioria das comunicações, que, pelo que temos visto e lido, são fúteis, sem conteúdo doutrinário, sem conteúdo científico provável, induzindo muitos a enganos.

Os propagadores da “novidade”, não dizem e também não sabem quais os mecanismos dessa “novidade”, pois não informam (e talvez não saibam) quais os métodos científicos que adotam. É importante repetir:

Não há novidade nas manifestações - A Revista Internacional do Espiritismo, edição de Maio 1992, página 114, Sônia Rinaldi, na orientação para quem quiser pesquisar, informa:

“... E evite o manuseio ou retirada do equipamento do mesmo local. Não guarde em gaveta, pois os Espíritos vão estudá-lo”. Ora, uma das características dos bons espíritos, aqueles que não são inferiores, é a penetrabilidade, ou seja, a matéria densa não constitui barreiras. Para os Espíritos inferiores, sim.

Na mesma página, continuando com as “orientações”, diz “..., mas dispense muita leitura do Evangelho...” “ou seja, notou-se que quanto mais se depura o ambiente, mais imprecisa é a comunicação... e caso haja muita depuração das vibrações do ambiente, parece que isto os prejudica”. “Fazer EVP em Centro Espírita não dá certo”. Talvez aqui esteja a novidade, muito séria para o movimento espírita: dispensar o Evangelho e o Centro Espírita.

Página 115, à pergunta sobre se existe risco de se fazer EVP, respondeu: “Existe. De Espíritos brincalhões entrarem no circuito. Mas eles nunca se aproximarão se o seu propósito for elevado, ou seja... se você também não estiver brincando”. Não parece brincadeira, galhofa? Não é risível?

Os Espíritos enganadores, pseudo-sábios, têm um poder de fascinação enorme, quando encontram guarida em nossos corações. Após orientar que se dispense muita leitura do Evangelho; que quanto mais se depura, ou seja, quanto mais harmonioso for o ambiente, mais imperfeita é a comunicação; que a harmonia das vibrações do ambiente prejudica os Espíritos na comunicação; que a EVP não dá certo se for feita em Centro Espírita; ainda tem a coragem de dizer que o perigo existe dos Espíritos brincalhões entrarem no circuito, e que eles nunca se aproximarão se o propósito for elevado. Estes Espíritos são mesmo brincalhões, enganadores, e encontram ainda a imprensa espírita que deveria ser séria, para dar acolhida às suas idéias e tramas.

Esta é realmente a novidade da Transcomunicação. Como os Espíritos enganadores agem?

Vejamos. Livro Missão Alpha I - 1ª Edição - MAIO 92 - Sônia Rinaldi/Gregório - Pág. 37 - Marcellus, na oração diz: “Concede, pois, que nós outros hoje na posição de Mestres...” Quem foi Mestre, senão o Cristo? Leiam e meditem Mateus, cap. 23, vers. 1 a 8; Lucas cap. 6, vers. 39 e 40. A falta de humildade, a postura de altivez, mentiras é própria dos Espíritos inferiores, enganadores.

Pág. 47 - (sobre a mediunidade)... ”Transmitirem principalmente por via da psicografia (escrita automática), mensagens...”

Tanto a médium como o autor (Espírito) desconhecem os conceitos doutrinários, no caso em tela.

Psicografia não é escrita automática. Psicografia é uma coisa e Escrita Automática é outra. Vejam o conceito espírita, doutrinário, de Kardec: Psicografia - Livro dos Médiuns- Cap. XIII - 2ª parte.

Escrita Automática é o mesmo que ESCRITA DIRETA, fenômeno de Efeitos Físicos. Ver Livro dos Médiuns, Cap. VIII - item 127.

A falta de conhecimentos doutrinários demonstra a categoria de inferiores.

Pág. 51 - “Era, definitivamente, a atuação de nosso plano sobre os aparelhos eletrônicos da Terra”.

Nesta página, a autora e autores espirituais tentam demonstrar que podem atuar diretamente nos aparelhos eletrônicos, deixando entrever que não necessitam do concurso de médiuns. Que mediunidade é dispensável. E numa linguagem empolada, mirabolante, própria dos pseudo-sábios, Gláusius explica que: “o aparelho ao ser acionado põe em ação pequeno foco centralizador, e que esse microfoco sensível registra os estímulos dos espíritos que são resultantes de manipulação das vibrações; que por ser o campo espiritual mais etérico, a energia tem características psicoplásticas...”

Nada mais empolado, complicado e de difícil comprovação científica. Mais uma novidade. Dispensar a mediunidade!

Vamos ver como Kardec analisa a interferência dos Espíritos junto à matéria.

“Em virtude de sua natureza etérea, o Espírito, propriamente dito, não pode atuar sobre a matéria grosseira, sem intermediários, isto é, sem o elemento que o liga à matéria. Este elemento, que constitui o que chamais perispírito, faculta-vos a chave de todos os fenômenos espíritas de ordem material”.(Livro dos Médiuns - Cap. IV - item 74 - 2ª parte - resposta a perg. 9).

“O que é um médium? É o ser, o indivíduo que serve de traço de união aos Espíritos, para que esses possam comunicar-se com os homens: Espíritos encarnados. Por conseguinte, sem médiuns não há comunicações tangíveis, mentais, escritas, físicas, de qualquer natureza que seja” (Livro dos Médiuns, Cap. XXII - item 236 - 2ª parte).

Seria por demais longo, continuar a análise das incongruências, dos estapafúrdios conceitos sobre vários assuntos doutrinários, ao longo do citado livro Missão Alpha I, tais como, Espíritos não humanos, Espíritos que se surpreendem com a miséria, a guerra, a espoliação, a exploração etc. etc.

Vimos que o fenômeno de EVP - TCM - TCI é perfeitamente normal, não sendo como muitos querem a salvação da humanidade, a prova definitiva da existência do Espírito após o desencarne. Pelo contrário. Os argumentos pseudocientíficos poderão colocar em ridículo as pesquisas sérias, bem como o conteúdo doutrinário e científico do Espiritismo. Como se não bastassem este tipo de obra prima, antidoutrinária, ainda vemos o livro Transcomunicação Instrumental, de Karl W. Goldstein (Hernani Guimarães Andrade) com uma série de conceitos que colidem com os postulados espíritas.

À página 6, intitulada de “Breve Histórico da TCI”, a Drª. Marlene Rossi Severino Nobre, no tópico inicial, conceitua erroneamente o termo mediunidade, quando diz: “O termo mediunidade é usado correntemente no Brasil para exprimir a capacidade que o homem tem de captar mensagens dos espíritos”. E tem a coragem de dizer que “O Livro dos Médiuns, de Allan Kardec, foi o maior responsável pela difusão desse conceito”.

Nada mais errôneo no conceito expedido pela confreira. Mediunidade é a faculdade que propicia a intercomunicação entre encarnados e desencarnados, em seus variados matizes, seja de efeitos inteligentes, seja de efeitos físicos. Este o conceito correto. Este o conceito expendido pelo Livro dos Médiuns, de Allan Kardec. Há, na linguagem usada para iniciar o Breve Histórico da TCI, a intenção clara de denegrir, de reformar, de reformular os conceitos de Kardec, quando escreve que:

“Surgiu, recentemente, na Europa e nos Estados Unidos uma outra designação para expressar a comunicação dos espíritos, é a Transcomunicação”. Como não houve posicionamento contrário, evidencia-se a aceitação de reformular princípios que são básicos doutrinariamente. O livro é importante. Necessita de análises profundas, mas contém conceitos antidoutrinários, que merecem atenção por parte dos estudiosos e pesquisadores espíritas.

Fala-nos, à pag. 63, de um “Espírito não humano (Technician); na página 64, sem tecer comentários doutrinários, transcreve a operação de comunicação:” O pequeno rádio FM, uma vela acesa, e um livro de preces são colocados sobre uma mesinha...”.

Na página 65, transcreve uma recomendação de Technician (o Espírito não-humano), que diz: “Nenhuma gravação em fita magnética pode ser feita nas vizinhanças deste equipamento enquanto ele está operando, uma vez que pode resultar em um” deslocamento no tempo “, o qual ocasionará o transporte do operador terrestre para uma outra dimensão”.

Não é de pasmar. Um absurdo, mas é verdade, está escrito a pag. 65. E a brincadeira vai mais longe, quando cita, à mesma página que “Swejen Salter informou que ela própria, durante seu último período mortal, vivera em um universo paralelo”.

Os cientistas, ou pseudocientistas, a serviço desses Espíritos enganadores, nas entrevistas concedidas, por ocasião do Congresso Internacional de Transcomunicação, realizado no ano passado em São Paulo, demonstraram uma infantilidade extrema e total ausência de raciocínio lógico (científico) que os pudesse classificar como homens de ciência. Basta ler e reler, com senso crítico, a Folha Espírita, edição de Abril de 1992 em diante.

Muito diferentes de Richet, Zollner, Lombroso, Delane e outros que realmente respeitaram, demonstraram e comprovaram, com métodos científicos, a existência do Espírito após a vida física. E nem por isso, com todas as comprovações, a ciência, ainda, consegue aceitar. E não será, com as ridículas comunicações sem qualquer fundo aproveitável, com gravações duvidosas, seja em gravador ou vídeo, que ela aceitará, muito pelo contrário. As manifestações são possíveis, mas carecem de estudo e divulgação sérias. Tenhamos nós, os, espíritas, conscientes da missão de Kardec junto a Jesus, a cautela necessária. É preferível rejeitar 99 verdades, do que aceitar um embuste, uma mentira, uma mistificação.

Conclusão - Ante essas e outras absurdidades existentes no movimento espírita, é que se torna imperativa a Reforma do Centro Espírita. Reforma no sentido de voltar a Kardec e a Jesus. O Centro Espírita, como núcleo de revivescência de Jesus, equipara-se à figueira estéril da parábola.

O Mestre já evidenciava, com essa parábola, sobre a necessidade imperativa da Reforma. Leiam e meditem Lucas - Cap. 13 - V. 6 a 9, e após, Lucas - Cap. 3 - V. 9. Na literatura judaica, a figueira é mencionada freqüentemente como símbolo nacional, daí ter o Mestre utilizado essa figura. O aviso transmitido é de uma clareza óbvia. No movimento espírita, a figueira representa o Centro Espírita e o vinhateiro é o Mestre, que intercede pela árvore (Centro Espírita) estéril, na esperança de que ainda dê fruto. A parábola é de alcance e aplicação universal, e no que se refere à “figueira” faz parte de uma seqüência - João Batista já avisara que o machado estava posto, e que cada árvore infrutífera seria abatida.

Cabe assim, a todos nós, aos Centros Espíritas, na feição de representantes do Consolador Prometido, permitir que os frutos sejam sazoados, a fim de que não sejamos convidados a ressecarem-se. Com o Espiritismo configurando o Consolador, todos nós espíritas, sem exceção, somos os convidados do Cristo, para a grande ceia, conforme a parábola da mesma (Lucas - Cap. 14 - Vers. 16 a 24).

No entanto, a grande maioria procura mil desculpas para o não comparecimento, à feição dos convidados da parábola, colocando as questões pessoais acima do convite, anulando, dessa forma, um compromisso assumido, efetuado com bastante antecedência. Os convidados, os hóspedes, somos todos nós.

Fomos convidados, e aceitamos inicialmente, com antecedência suficiente, em participar da grande festa. Estando tudo preparado, fomos novamente convocados, pelos mensageiros de Jesus, os Espíritos superiores.

Mas o zelo, a sedução das coisas materiais, os prazeres da vida social e doméstica, os apelos dos espíritos inferiores e enganadores, influíram para que com desculpas, pedíssemos para sermos dispensados de comparecer, ou simplesmente declarássemos que não compareceríamos, que não poderíamos participar. E que farão os Espíritos Superiores, a serviço de Jesus? Levarão o convite àqueles que são considerados espiritualmente pobres, aleijados, coxos e cegos.

E mais tarde, verificando que sobrarão lugares à mesa, serão convidados outros, estranhos ao movimento espírita.

E muitos de nós, que somente iremos atender ao convite, após terem sido atendidos os afazeres materiais, é indicada as palavras finais de Jesus: “Porque eu vos digo que nenhum daqueles varões (convidados) provará da minha ceia”. Jesus a porta; Kardec a chave. Reformar com Kardec e Jesus, esta a palavra de ordem.

Estudar Kardec, meditar Kardec, analisar Kardec, para viver Jesus.

Somente assim, estaremos abrindo nosso espírito aos Espíritos Superiores, não ensejando oportunidades a entidades enganadoras, mentirosas, mistificadoras,

pseudo-sábias que pululam ao redor da humanidade, induzindo-a a erros e enganos. Dessa forma, o Centro Espírita evitará a propagação de mistificações, como as que estamos assistindo no movimento doutrinário. Estaremos, então, contribuindo para o progresso dos espíritos, principal missão do Espiritismo e dos espíritas.

AÇÃO DO PERISPÍRITO NOS FENÔMENOS MEDIÚNICO

Por meio do perispírito é que os Espíritos atuam sobre a matéria inerte e produzem os diversos fenômenos mediúnicos.

Transporte:

Combinando-se fluido perispíritico do médium e do Espírito resultará uma força una. Com este fluido resultante é que o Espírito pode isolar, tornar invisível e transportar objetos.

Manifestações visuais:

O Espírito se torna visível, após combinar os seus fluidos com os do médium, o que produz no perispírito uma disposição especial, seja por uma espécie de condensação ou por uma mudança em suas disposições moleculares. É então que nos aparece de maneira vaporosa.

A simples vontade não basta para produzir esse efeito. É preciso que haja entre os fluidos do Espírito e o do médium uma espécie de afinidade e também é preciso que o Espírito tenha a permissão de aparecer para aquela pessoa.

Transfiguração:

O perispírito das pessoas vivas goza das mesmas propriedades que o dos Espíritos. O perispírito do encarnado não se acha confinado no corpo: irradia e forma em torno deste uma atmosfera fluídica, envolvendo-o. A forma real e material do corpo se desvanece sob aquela camada fluídica e toma por momentos uma

aparência inteiramente diversa mesmo a de outra pessoa ou a do Espírito que combina seus fluidos com os do indivíduo. Pode a imagem real do corpo apagar-se mais ou menos completamente, sob a camada fluídica, e assumir outra aparência ou, então, vistos através da camada fluídica modificada, os traços primitivos podem tomar outra expressão.

As transfigurações refletem sempre qualidades e sentimentos predominantes no Espírito. Ela pode operar-se com intensidades muito diferentes, conforme o grau de depuração do perispírito, grau que sempre corresponde ao da elevação moral do Espírito. Às vezes é uma simples mudança no aspecto da fisionomia, outras vezes dá ao perispírito uma aparência luminosa e esplêndida.

Materializações:

O Espírito absorve o ectoplasma - matéria-prima da materialização - ao médium presente e por ação do seu perispírito lhe imprime toda a plasticidade, corporizando-a, individualizando-a no seu próprio tipo definido e inconfundível.

Manifestações físicas: ruídos, pancadas, movimentos, suspensões.

O fluido perispirítico do Espírito unido ao do médium é que anima os objetos fazendo-os movimentar ou ainda dando pancadas, etc.

É igualmente com o concurso do seu perispírito que o Espírito faz com que os médiuns escrevam, falem, desenhem.

Bicorporeidade:

Enquanto o corpo se acha mergulhado em sono, o Espírito, transportando-se a diversos lugares, pode tornar-se visível e aparecer sob forma vaporosa, quer em sonho, quer em estado de vigília. Pode igualmente apresentar-se sob forma tangível, ou, pelo menos, com uma aparência bem idêntica à realidade.

As pessoas afirmam tê-lo visto ao mesmo tempo em dois pontos diversos. Ele, com efeito, estava em ambos, mas apenas num se achava o corpo verdadeiro, achando-se no outro o Espírito. Foi este fenômeno que deu origem à crença nos homens duplos. Este fenômeno é muito raro.

Dupla vista:

O Espírito ouve, vê e sente por todo o seu ser, tudo o que se encontra na esfera de irradiação do seu fluido perispirítico. Ele, não vê com os olhos do corpo; vê com os olhos da alma e a prova está em que vê perfeitamente bem com os olhos fechados e vê o que está muito além do alcance do raio visual.

Curas:

O fluido universal modificado, condensado no perispirito, pode fornecer princípios reparadores ao corpo; o Espírito encarnado ou desencarnado é o agente propulsor que infiltra num corpo deteriorado uma parte da substância do seu envoltório fluídico. A cura se opera mediante a substituição de uma molécula malsã por uma molécula sã. O poder curativo depende além da pureza da substância inoculada, da energia da vontade que, quanto maior for, tanto mais abundante emissão fluídica provocará e tanto maior força de penetração dará ao fluido.

Emancipação da alma:

Durante o sono, apenas o corpo repousa; o Espírito, esse não dorme; aproveita-se do repouso do primeiro e dos momentos em que a sua presença não é necessária para atuar isoladamente e ir aonde quiser, no gozo então da sua liberdade e da plenitude das suas faculdades.

A independência e a emancipação da alma se manifestam de maneira evidente, sobretudo no fenômeno do sonambulismo natural e magnético, na catalepsia e na letargia.

O êxtase é a emancipação da alma no grau máximo.

Manifestações físicas. Mediunidade.

É com o auxílio de seu perispirito que o Espírito atua sobre um corpo vivo; é ainda com o mesmo fluido que ele se manifesta agindo sobre a matéria inerte, e que produz ruídos, movimentos de mesas e outros objetos que levanta, derruba ou transporta.

É igualmente com o auxílio de seu perispirito que o Espírito faz o médium escrever, falar ou desenhar; não tendo um corpo tangível para agir ostensivamente quando deseja manifestar-se, serve-se do corpo de um médium, de quem toma os órgãos por empréstimo; faz

seus órgãos, assim, agir como se fosse seu próprio corpo, e isso, mediante o eflúvio fluídico que verte sobre ele.

É pelo mesmo meio que o Espírito age sobre a mesa, seja para a fazer mover sem significação determinada, seja para fazer com que ela receba golpes inteligíveis, que indicarão as letras do alfabeto para formar palavras e frases, fenômeno esse designado sob o nome de *tipologia*. A mesa aqui não passa de um instrumento do qual o Espírito se serve, como o faria de um lápis para escrever; dá-lhe momentânea vitalidade, pelo fluído que a penetra, mas não se identifica com ela. As pessoas que, tomadas de emoção, diante da manifestação de um ser que lhes é querido, abraçam a mesa, praticam um ato ridículo, pois absolutamente como se abraçasse o bastão do qual se serve um amigo, para desferir pancadas. O mesmo se aplica aos que dirigem a palavra à mesa, como se o Espírito estivesse encerrado na madeira, ou como se a madeira se tivesse tornado Espírito.

Na obsessão, o Espírito atua exteriormente por meio de seu *perispírito*, que ele identifica com o do encarnado; este último se encontra então enlaçado como numa teia e constringido a agir contra sua vontade.

Na possessão, em lugar de agir exteriormente, o Espírito livre se substitui, por assim dizer, ao Espírito encarnado; faz domicílio em seu corpo, sem que, todavia este o deixe definitivamente, o que só pode ter lugar na morte. A possessão é assim sempre temporária e intermitente, pois um Espírito desencarnado não pode tomar definitivamente o lugar de um encarnado, dado que a união molecular do *perispírito* e do corpo não pode se operar senão no momento da concepção (Cap. XI, no. 18).

O Espírito, em possessão momentânea do corpo, dele se serve como o faria com o seu próprio; fala por sua boca, enxerga pelos seus olhos, age com seus braços, como o teria feito se fosse vivo. Já não é mais como na *mediunidade falante*, na qual o Espírito encarnado fala transmitindo o pensamento de um Espírito desencarnado;

é este último, mesmo, que fala e que se agita, e se o conhecemos quando vivo, reconheceríamos sua linguagem, sua voz, seus gestos e até a expressão de sua fisionomia.

Se um Espírito quiser agir sobre uma pessoa, dela se aproxima, envolve-a com o seu perispírito, como num manto; os fluidos se penetram, os dois pensamentos e as duas vontades se confundem e, então, o Espírito pode servir-se daquele corpo como se fora o seu próprio, fazê-lo agir à sua vontade, falar, escrever, desenhar, etc. Assim são os médiuns. Se o Espírito for bom, sua ação será suave e benéfica e só fará boas coisas; se for mau, fará maldades; se for perverso e mau, ele o constrange, até paralisar a vontade e a razão, que abafa com seus fluidos, como se apaga o fogo sob um lençol d'água. Fá-lo pensar, falar e agir por ele leva-o contra a vontade a atos extravagantes ou ridículos; numa palavra o magnetiza e o cataleptiza moralmente e o indivíduo se torna um instrumento cego de sua vontade. Tal é a causa da obsessão, da fascinação e da subjugação, que se mostram em diversos graus de intensidade. O paroxismo da subjugação é geralmente chamado possessão. Deve notar-se que, neste estado, muitas vezes o indivíduo tem consciência do ridículo daquilo que faz, mas é constrangido a fazê-lo, como se um homem mais vigoroso que ele fizesse, contra a vontade, mover os braços, as pernas, a língua.